

A CONSTRUÇÃO POÉTICA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO: UM ESTUDO DO POEMA “RIOS SEM DISCURSO”.

Fabício César de Aguiar¹

Larissa Walter Tavares de Aguiar²

RESUMO: Este estudo visa discutir alguns aspectos marcantes da produção poética de João Cabral de Melo Neto, sendo objeto de análise o poema intitulado “Rios sem discurso”, presente na obra *Educação pela pedra*, de 1966. Intenta-se destacar, entre outros aspectos, a problemática social discutida e as alegorias construídas pelo poema, assim como refletir sobre a estrutura composicional do texto poético. Para o desenvolvimento desse estudo iremos levar em consideração tanto os aspectos referentes ao conteúdo quanto aos aspectos formais do poema, destacando como a mensagem é criada através da coerente relação entre estes aspectos.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto. Literatura brasileira. Poesia social. Inter-relação forma/conteúdo. Análise poética.

ABSTRACT: *This study aims to discuss some important aspects of poetic production João Cabral de Melo Neto, It is the object of analysis, the poem entitled "Rivers without speech", this work in Educação pela pedra, 1966. The proposition is notes, among other things, discussed the social problems and the allegories built by the poem, as well as reflect on the compositional structure of the poetic text. For the development of this study we will take into account both aspects relating to the content as to the form of the poem, highlighting how the message is created through the consistent relationship between these aspects.*

KEYWORDS: *João Cabral de Melo Neto. Brazilian literature. Social poetry. Interrelation form/contente. Poetic analysis.*

Considerações iniciais

O estudo em questão visa discutir alguns aspectos marcantes da produção poética de João Cabral de Melo Neto, sendo objeto de análise em questão o poema intitulado “Rios sem discurso”, presente na obra *Educação pela pedra*, de 1966. Intenta-se destacar, entre outros aspectos, a problemática social discutida no poema, assim como refletir sobre a estrutura composicional do texto como um todo.

Para o desenvolvimento desse estudo, levamos em consideração tanto os aspectos referentes ao conteúdo quanto os aspectos formais do poema escolhido, uma vez que, como salientam alguns teóricos, a arte literária “é forma e conteúdo, e neste sentido a estética não se separa da linguística” (CANDIDO, 2000, p. 20-21). Ainda em relação a esses aspectos Amora

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Paraná, Brasil. E-mail: fabriciomustaine@gmail.com

² Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) Paraná, Brasil. E-mail: larissawtares@gmail.com

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

(1973, p. 38) ressalta que o conteúdo “é a *supra-realidade* concebida pelo artista. [...] o conteúdo é o elemento *imaterial* da obra literária, pois que existe apenas na imaginação do artista e na do leitor”. Este mesmo estudioso mostra que a forma, “também denominada linguagem, é o elemento que fixa o conteúdo e permite sua transmissão de um espírito para o outro. [...] A *forma*, nos mais variados aspectos, é o veículo do conteúdo” (AMORA, 1973, p. 38).

Em relação a isso, é interessante destacar que o artista, de modo arbitrário, cria os recursos expressivos do texto, inter-relacionando forma e conteúdo, visando obter efeitos variados, como gerar reflexões, críticas sociais, situações lúdicas entre outras. Para isso, notam-se nas estruturas poéticas um requinte formal incomum às expressões da linguagem cotidiana, uma vez que há uma preocupação tanto com o que é dito, quanto com o modo como se enuncia. Segundo Candido,

o poeta usa as palavras em sentido próprio ou em sentido figurado. Mas, tanto num caso quanto noutro, de maneira diferente do que ocorre na linguagem cotidiana. As palavras em sentido próprio são geralmente dirigidas pelo poeta conforme são usadas por um senso de pesquisa expressional, de criação, de beleza, explorados sistematicamente, o que lhes confere uma dignidade e um alcance diversos dos que ocorrem na fala diária. (CANDIDO, 2009, p.113).

Assim sendo, nota-se que a poesia trabalha ressignificando uma série de símbolos e valores sociais e culturais. Como salienta Todorov (1980, p. 95), “a diferença semântica entre poesia e não-poesia não mais é procurada no conteúdo da significação, mas na maneira de significar: sem significar outra coisa, o poema significa de outro modo”. Para isso, a poesia se utiliza de recursos linguísticos simbólicos que formam um campo semântico criado pelo poema. Para definir a categoria referente aos símbolos, o crítico Todorov aponta:

Poderíamos resumi-la em cinco pontos (ou cinco oposições entre símbolo e “alegoria”): 1. O símbolo mostra o devir do sentido, não seu ser; a produção, e não o produto acabado. 2. O símbolo é intransitivo, não serve apenas para transmitir a significação, mas deve ser percebido em si mesmo. 3. O símbolo é intrinsecamente coerente, o que quer dizer que um símbolo isolado é motivado. 4. O símbolo realiza a fusão dos contrários, e mais especificamente, a do abstrato e do concreto, do ideal e do material, do geral e do particular. 5. O símbolo exprime o indizível, isto é, aquilo que os símbolos não-simbólicos não chegam a transmitir; é, por conseguinte, intraduzível, e seu sentido é plural – inesgotável. (TODOROV, 1980, p. 97).

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

Desse modo, o poeta se utiliza de símbolos a fim de propiciar ao leitor determinadas leituras, sensações e reflexões. Assim, o texto poético é uma forma literária muito complexa, uma vez que o trabalho que é feito com as palavras exige um intenso apuro formal. Nota-se, nessas produções literárias, que as escolhas de palavras, ordens frasais, estruturação rítmica, entre outros aspectos, são arbitrárias.

O texto poético possibilita a criação de diversas significâncias e atua complexamente no ato de leitura. Este “fenômeno poético”, como intitula o estudioso Nuno Júdice, possui três atitudes distintas:

Uma primeira, concentra no espaço da linguagem esses efeitos de sentido, considerando-os efeitos da construção retórica, [...] Uma segunda, estabelecendo a associação entre a linguagem e o mundo [atuando como] analogias com outras artes (música, pintura, escultura, teatro). Uma terceira, [...] colocando a verdade da poesia numa dimensão abstracta. (JÚDICE, 1998, p. 11).

Para o autor, o fenômeno poético “é, então, o plano da anti-utopia: aquele em que o homem, tomando consciência da sua condição mortal, procura a sua sobrevivência que é, acima de tudo, a permanência na memória que só existe na palavra [linguagem] que lhe dá forma” (JÚDICE, 1998, p.13). Assim, a poesia atua como instrumento de reflexão e pode levar o leitor a tomar consciência de sua realidade, justamente pelo fato de que está relacionada com o mundo e, através de seu potencial simbólico, é capaz de ressignificar as relações sociais, culturais e até mesmo metafísicas. Como atesta Baudelaire (1998, p. 45). “Toda boa escultura, toda boa pintura, toda boa música, sugere os sentimentos e os devaneios que ela quer sugerir. Mas o raciocínio, a dedução, pertencem ao livro”. Esses raciocínios, presentes nos livros em potencial, se realizam no momento da leitura decorrente da interação dinâmica entre texto e leitor, como destaca Iser (1999, p. 9), “O texto inicia sua própria transferência, mas esta só será bem sucedida se o texto conseguir ativar certas disposições da consciência. [...] O texto estimula os atos que originam sua compreensão”.

Após estas considerações acerca dos textos poéticos, apresentamos um panorama geral sobre João Cabral de Melo Neto, poeta escolhido para este estudo, no que diz respeito aos aspectos literários interessantes para o norteamento da análise desenvolvida.

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

Breves considerações sobre o poeta e seu contexto de produção

O século XX no Brasil foi, do ponto de vista artístico, um século intenso. O Modernismo, que se iniciou na década de vinte, propôs mudanças significativas no panorama das artes. Houve a construção e a valorização de um campo artístico nacional, dando luz à literatura brasileira devido a sua contribuição histórica, social e cultural. Deste modo, o Modernismo ganhou repercussão internacional, consolidando-se enquanto um período artístico de referência. Como aponta Baudelaire (1996, p. 26), “para que toda Modernidade seja digna de tornar-se Antiguidade, é necessário que dela se extraia a beleza misteriosa que a vida humana involuntariamente lhe confere”. Isso foi certamente alcançado no nosso Modernismo. Segundo Eliot, o

sentido histórico, que é o sentido tanto do atemporal quanto do temporal e do atemporal e do temporal reunidos, é que torna um escritor tradicional. E é isso que, ao mesmo tempo, faz com que um escritor se torne mais agudamente consciente de seu lugar no tempo, de sua própria contemporaneidade. (ELIOT, 1989, p. 39).

Deste modo, com esse novo olhar sobre o passado e sobre o presente, o Modernismo foi um momento fecundo para inovações e releituras das tradições artísticas. Foram tantas as inovações artísticas que o movimento, que durou décadas, foi subdividido pelos estudiosos em três fases que, evidentemente, dialogam entre si. O poeta escolhido insere-se didaticamente na terceira geração moderna, cronologicamente situada a partir de 1945 até aproximadamente a década de 60. Nesta geração, destacam-se características como certo aprofundamento na densidade psicológica das personagens, a retomada da valorização do universo regional e a preocupação crítica com os problemas sociais, tudo isso com base em um programa estético maduro, alcançando aquilo que Baudelaire (1998, p. 45) define como *arte pura*: “O que é a arte pura segundo a concepção moderna? É criar uma magia sugestiva contendo ao mesmo tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista e o próprio artista”. Os principais responsáveis por esse feito são: Guimarães Rosa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto.

Na produção do poeta pernambucano nota-se um mergulho profundo na realidade humana e geográfica do nordeste, marcada intensamente por seu tom crítico em relação às

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

mazelas sociais, estas que são construídas em textos marcados por um intenso rigor formal, criando uma relação simétrica no trato conteudístico e formal, sendo “um exemplo raro de rigor formal e pureza expressiva, ligados a uma forte visão dos problemas humanos, que chega à tomada de posição social.” (CANDIDO & CASTELO, 1983, p. 32).

Essa preocupação com a estruturação textual é uma das tônicas da produção poética cabralina, sendo que a reflexão sobre essa questão é uma constante em seus poemas metalinguísticos. Por esse motivo Cabral é conhecido como “o poeta engenheiro” ou “o arquiteto das palavras”. Tal coerência entre forma e conteúdo pode ser notada no trabalho conciso da linguagem poética quando utilizada para retratar a realidade precária do nordeste, realçando com pouquíssimas palavras a vida diária daqueles que muitas vezes possuem o mínimo para sobreviver. Para a caracterização desse cenário, o poeta se utiliza de termos que, ao mesmo tempo em que se refere ao cotidiano imediato, também concentra, de modo denso, grande potencial sugestivo. Dessa forma, a palavra funciona como uma “unidade significativa”, termos plurissignificantes, sendo, tanto neste aspecto quanto na metódica construção estrutural de seus poemas, uma influência aos poetas concretos que o sucederam.

Devido à densidade de sua poesia, os caminhos a serem percorridos pelos leitores são árduos, exigindo uma leitura minuciosa e atenta, pois ao ilustrarmos tal autor com a expressão “quando menos é mais”, temos em cada termo um rol de significância muito grande, possibilitando um panorama das relações humanas. Segundo Candido (2009, p. 27), “num texto literário há essencialmente um aspecto que é tradução de sentido e outro que é a tradução de seu conteúdo humano, da mensagem por meio da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem”.

Desse modo, tem-se que Cabral encara a poesia como fruto de um trabalho incessante, muito mais próximo da postura de “transpiração” do que de “inspiração” poética, conceito esse desprezado pelo escritor. Em seu fazer literário percebe-se um paciente trabalho artesanal, como se uma obra de arte partisse de uma matéria-prima bruta e fosse moldada pacientemente, retirando todos os excessos até que assumia a forma desejada pelo autor. “Conta Vasari que Benedetto Varchi dirigiu a Miguel Ângelo esta hipérbole barroca: *Senhor, tendes a mente dum Júpiter*. E o artista teria respondido: *Para tirar dela qualquer coisa é preciso o martelo dum Vulcano*” (COELHO, 1961, p. 60).

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

Com isso, percebe-se que a conclusão da obra só será alcançada após muito esforço. Como salienta Bosi (1985, p. 13), “a arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se *transforma* a matéria oferecida pela natureza e pela cultura.” [...] “A arte é uma produção: logo, supõe trabalho”.

Com base nesta abordagem, o poeta apresenta uma escrita conscientemente objetiva, pois para apreender a emotividade que há nas coisas do mundo, não há a necessidade do poeta partir de uma emoção pessoal. Como destaca T. S. Eliot, não se deve objetivar

descobrir novas emoções, mas utilizar as corriqueiras e, trabalhando-as no elevado nível poético, exprimir sentimentos que não se encontram em absoluto nas emoções como tais. E emoções que ele jamais experimentou servirão, por sua vez, tanto quanto as que lhe são familiares. (ELIOT, 1989, p. 47).

Esse conceito contraria muitos escritores que defendem o aspecto de mera inspiração da poesia, isso porque a concepção desta como construção racional leva à recusa do sentimentalismo lírico em favor da despersonalização da expressão poética, remetendo o fazer poético ao campo quase exclusivo do trabalho intelectual. Como aponta Eliot:

Ela [a mente do poeta] pode, parcial ou exclusivamente, atuar sobre a experiência do próprio homem, mas, quanto mais perfeito for o artista, mais inteiramente separado estará nele o homem que sofre e a mente que cria, e com maior perfeição saberá a mente digerir e transfigurar as paixões que lhe servem de matéria-prima. (ELIOT, 1989, p. 43).

Desta feita, nota-se que a obra de João Cabral inter-relaciona reflexões acerca da natureza da linguagem poética e do drama social nordestino, como pode ser visto no poema escolhido como *corpus* desse estudo.

Em relação ao drama nordestino, este é frequentemente referenciado através de elementos característicos do próprio nordeste, como por exemplo o rio Capibaribe. O autor constrói imagens, com uma intensa plasticidade, transportando o leitor, mesmo que ficcionalmente, para o contato com aquela realidade árida. Esse recurso se faz eficiente para criar os efeitos desejados pelo poeta, uma vez que

o homem forma imagens para dar vazão a necessidades profundas, e elas são carregadas de um valor simbólico que escapa ao seu elaborador. A importância do valor simbólico da palavra é não apenas signo arbitrário (como ensina a linguística),

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

mas invólucro simbólico de um sentido que radica em camadas profundas do espírito. (CANDIDO, 2009, p. 96).

Portanto, essas características comentadas anteriormente, presentes em boa parte da produção do escritor pernambucano, também se encontram no poema “Rios sem discurso” do livro *A educação pela pedra*, de 1966, que reúne poemas produzidos entre os anos de 1960 e 1966. A seguir, apresenta-se o poema na íntegra para o desenvolvimento da análise proposta.

Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
O discurso-rio que ele fazia;
Cortado, a água se quebra em pedaços,
Em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
A uma palavra em situação dicionária:
Isolada, estanque no poço dela mesma,
E porque assim estanque, estancada;
E mais: porque assim estancada, muda,
E muda porque com nenhuma se comunica,
Porque cortou-se a sintaxe desse rio,
O fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
Chega raramente a se reatar de vez;
Um rio precisa de muito fio de água
Para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
Lhe impondo interina outra linguagem,
Um rio precisa de muitas águas em fios
Para que todos os poços se enfrasem:
Se reatando, de um para outro poço,
Em frases curtas, então frase e frase,
Até a sentença-rio do discurso único
Em que se tem voz a seca ele combate.
(MELO NETO, 1999, p. 350-351).

O poema é composto por duas estrofes de 12 versos cada. A separação das estrofes divide-o em duas metades, sendo que em cada parte há uma construção referente ao rio que não são idênticas, mas se complementam. Na primeira parte, a imagem construída é a de um rio que tem o seu fluxo interrompido, ficando a água presa em poços e perdendo a ligação que fazia o rio correr. Na segunda parte, percebe-se o processo inverso, pois o que se

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

tem é a discussão sobre a possibilidade de reconstrução do fluxo do rio através da religação entre os poços de água.

Para a construção dos efeitos de sentidos desejados, o poeta utiliza bastante o recurso metafórico, um dos mais frequentes na construção dos textos poéticos. Como aponta Borges (2000, p. 21), “a metáfora está para a poesia assim como a metonímia está para a prosa”. Sobre constituição da metáfora, Candido salienta que:

A metáfora comum nasce da necessidade de suprir a deficiência da linguagem direta, baseia-se na associação de idéias motivada pela semelhança, e desfecha numa comparação dos elementos característicos por meio da abstração dos demais elementos. [...] Pressupõe os seguintes elementos: (1) – semelhança (2) – composição subjetiva (3) – abstração (4) – transposição (5) – formação de uma nova realidade semântica de caráter simbólico. (CANDIDO, 2009, p.141).

No poema escolhido há a presença de várias metáforas, sendo a principal delas a aproximação entre o rio e o discurso, que se faz visível já no título “Rios sem discurso”, em que há a brincadeira com os termos “curso” e “discurso”, uma vez que todo rio possui um curso, sendo este responsável por sua fluidez, e nesse caso caracterizado simbolicamente como o seu discurso. Todavia, se o rio perde sua água, anula-se também seu curso, gerando, por consequência, um “rio sem discurso”.

Assim destaca-se que os elementos que constituem o rio traçam um paralelo com os elementos constituintes do discurso: a água em poço seria a palavra em estado de dicionário; a água em fio seria a frase; a cheia representaria a grandiloquência; e a seca, a ausência de discurso. Deste modo enfatiza-se que, como destaca Bosi (2000, p. 40), “Uma boa metáfora implica uma percepção intuitiva da semelhança entre coisas dessemelhantes”.

Na primeira estrofe, a sugestão do rio com seu fluxo cortado assemelha-se a um discurso interrompido. Para desenvolver essa comparação, é utilizada a associação entre a água do rio, estancada em poços, e as palavras do discurso, isoladas dentro de um dicionário. Como nota-se no verso “*E porque assim estanque, estancada;*” no termo “estancada” há uma dupla significação. Primeiramente, pela relação com algo estanque, em estado estático, assim como remete ao ato de estancar como uma interrupção de certa fluidez líquida, assumindo o sentido de parar de fluir.

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

As águas “mudas”, isoladas em poças, não constituem o fluxo das águas, que é a essência dos rios. Cria-se então um paralelo com a comunicação, uma vez que esta só ocorre quando as palavras estão em relação umas com as outras, ou seja, isoladas “em situação dicionária” não constituem um discurso.

Vale atentar-se para a ambiguidade criada com o vocábulo “muda”: “*E mais: porque assim estancada, muda, / E muda porque com nenhuma se comunica*”, uma vez que o termo refere-se tanto a uma alteração de estado quanto à ausência de voz, significados distintos, mas que nesse caso se inter-relacionam.

Algo semelhante ocorre nos versos “*Cortado, a água se quebra em pedaços, / Em poços de água, em água parálitica.*”, em que o termo “paralítica”, associado comumente a alguém impossibilitado de mover-se, cria nesse caso uma personificação da água, a qual, ao representar a palavra/discurso, associa-se à palavra em situação dicionária, ou seja, também “paralítica”. Desse modo, a água/palavra estão impedidas de cumprirem suas funções essenciais. Essa ideia se enfatiza nos próximos versos: “*Porque cortou-se a sintaxe desse rio, / O fio de água por que ele discorria.*”. Sendo a sintaxe a parte do estudo de língua que visa unir as palavras para formar orações e assim expressar conceitos e ideias, ao propor o “corte” da sintaxe cria-se a imagem de um discurso que se dissolve, assim como a imagem de um rio que seca a ponto de suas pequenas poças não serem capazes de caracterizá-lo.

Na segunda estrofe é apresentada a dificuldade do rio se restabelecer após a seca: “*O curso de um rio, seu discurso-rio, / chega raramente a se reatar de vez;*”. Apenas uma cheia seria capaz de fazer o rio retomar seu curso. Traçando novamente o paralelo rio/discurso, seria preciso então a “grandiloquência de uma cheia” para criar um novo discurso. Tendo por “grandiloquência” a ideia de um discurso pomposo, que abusa de palavras tanto em quantidade quanto em rebuscamento, percebe-se que a cheia propiciaria um discurso diferente do que aquele que se via primeiramente, assim estaria “*Lhe impondo interina outra linguagem,*” também pelo fato de que a cheia seria composta por águas diferentes das que compunham o rio a princípio. A utilização do termo “impondo”, escolhido atentamente pelo autor, marca muito bem a imposição das águas da cheia a um rio praticamente extinto, assim como também marca simbolicamente a dominação do discurso “grandiloquente” imposto sobre o antigo discurso.

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

Ao final da estrofe, é descrita que a retomada do curso do rio, se não pela cheia, é um processo muito lento, pois *“Um rio precisa de muitas águas em fios / para que todos os poços se enframem:”*. Novamente há uma analogia com o discurso, uma vez que para o “enfrasar” novamente, caso também não ocorra uma “cheia grandiloqüente”, será necessário uma árdua junção *“Em frases curtas, então frase e frase, / até a sentença-rio do discurso único”*. Feito isso, com a reformulação do discurso/rio, se vence o silêncio/seca, como nota-se no verso que finaliza o poema: *“em que se tem voz a seca ele combate”*.

Além da leitura comparativa entre rio e discurso, desenvolvida acima, muitas outras são possíveis, como, por exemplo, a ideia de que o rio e o discurso poderiam representar a coletividade. Olhando por esta perspectiva, a água em fio representaria o encontro de seres que um dia estiveram isolados. Assim como poças de água desvinculadas não formam um rio, seres isolados não formam uma comunidade, ou ainda, segundo o próprio João Cabral “um galo sozinho não tece uma manhã”. Neste caso, a *“sentença-rio do discurso único”* seria uma manifestação coletiva em busca de um ideal: a seca a ser combatida, assim como seus prejuízos, entre eles a morte.

A água é um elemento essencial para a vida, e também pode simbolizá-la, principalmente quando se refere à realidade nordestina, como no poema em questão. A água ganha conotações amplas e a seca, sendo a ausência desta, do mesmo modo, representa a morte, como oposição à vida. Semelhante à importância da água para a vida é a importância do discurso/linguagem para a humanidade, pois, como dizia o poeta mexicano Octávio Paz, o ser humano criou-se ao criar uma linguagem.

Após os comentários referentes ao plano do contexto, cabe agora uma apreciação acerca da estrutura formal do poema. Levando em consideração os aspectos semânticos e terminológicos, percebe-se na primeira estrofe do poema uma maior presença de marcas de pontuação, sendo que tais sinais gráficos trazem uma significação relacionada à temática do texto, pois estes sinais de pontuação servem para a criação de um discurso com mais subdivisões, interrompendo uma leitura que flua livremente, sendo esta estruturação coerente com o conteúdo apresentado. Essa coerência entre forma e conteúdo continua na segunda estrofe, na qual há menos sinais de pontuação, fazendo com que a leitura dos versos aconteça de modo mais contínuo, fluindo mais facilmente. Essa fluidez é intensificada pelo uso recorrente, na segunda estrofe, por versos encadeados, como pode ser percebido nos versos:

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

“Um rio precisa de muito fio de água / Para refazer o fio antigo que o fez.”; “Salvo a grandiloqüência de uma cheia / Lhe impondo interina outra linguagem,”; “Um rio precisa de muitas águas em fios / Para que todos os poços se enfrasem:” e “Até a sentença-rio do discurso único / Em que se tem voz a seca ele combate.”

Outro aspecto que merece atenção é a flexão verbal. Nota-se que na primeira estrofe os verbos estão flexionados principalmente em formas nominais, no particípio: *estancada* / *isolada* / *cortado*, verbos que dão a ideia de um estado, nesse caso, de algo mais estático, imóvel e sem relação direta com os termos ao seu redor. Já na segunda estrofe, os verbos estão principalmente conjugados no presente: *chega* / *precisa* / *combate*, sendo que esses verbos flexionados no presente, transmitem a ideia de ação, de movimento. Há ainda outros verbos que, mesmo no modo infinitivo, como *reatar* / *refazer*, são verbos que possuem uma carga semântica vinculada à discussão proposta na segunda estrofe: a reestruturação do rio/discurso.

Por fim, o modo como o poema é versificado também atua como componente que se relaciona com a discussão temática, uma vez que são utilizados versos em que não há uma regularidade métrica, assim como também são irregulares o percurso e a existência dos rios/discursos, principalmente ao que se refere à realidade nordestina em questão. A preocupação principal do poeta não é com a métrica, mas sim com o ritmo do texto, o qual é mais truncado na primeira estrofe e mais fluido na segunda, devido aos encadeamentos e a pontuação, como analisado anteriormente. Sobre essa característica peculiar de João Cabral em relação à preocupação com o ritmo em detrimento da métrica, Candido comenta que

o metro, portanto, cedeu lugar ao ritmo. [...] Na obra de João Cabral de Melo Neto, por exemplo, vemos uma espécie de reeducação do metro pelo ritmo, ao contrário do que antes se dava. Criador de unidades, este não obedece mais à injunção de um certo número previsto de esquemas para cada metro. Ele estabelece a variedade relativa do metro para a unidade do ritmo, como se vê no uso de setessílabos e octassílabos alternados. (CANDIDO, 2009, p. 92).

No poema em questão há também uma alternância do tamanho do metro, oscilando entre versos eneassílabos, decassílabos, hendecassílabos e dodecassílabos. Por mais que a regularidade métrica não esteja presente, evidencia-se uma preocupação rítmica, sendo o ritmo entendido como

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

uma alternância de sonoridades mais fracas e mais fortes, formando uma unidade configurada. Os elementos que compõem o verso são indissolúveis, e não podemos imaginar um sem o outro. Mas se tentássemos, por um esforço de abstração, imaginar quais os que funcionam com maior importância na caracterização de um verso, chegaríamos provavelmente à conclusão de que é o ritmo. Ele é a alma, a razão de ser do movimento sonoro, o esqueleto que ampara todo o significado. (CANDIDO, 2009, p. 69).

Reafirma-se então, como exposto anteriormente, que a construção da poética cabralina fundamenta-se em um trabalho árduo e minucioso, como já citado, fruto de uma “transpiração poética”, sendo que os elementos presentes do poema são conscientemente escolhidos, atentamente dispostos em relação à sua comunicação de ordem semântica, sintática e rítmica. Esse método empregado em seu fazer poético é descrita pelo próprio artista como um ato semelhante ao ato minucioso de “catar feijão”.

Considerações finais

Sabe-se que as manifestações artísticas são formadas por obras que inter-relacionam conteúdo e forma. No caso da arte literária, há um claro cuidado com a escolha e o arranjo das palavras, o modo como são utilizadas as marcas de pontuações, os recursos sonoros empregados na construção do texto, entre outros. Dessa forma, perante o que foi apresentado e discutido no decorrer deste estudo, notou-se a importância da inter-relação entre o plano do conteúdo e o plano da forma para a construção do sentido do texto poético.

Através dos recursos poéticos, que propiciam mais intensidade e expressividade comunicativa do que o discurso cotidiano, João Cabral intensifica as reflexões e denúncias acerca das mazelas humanas, fazendo com que sua obra seja caracterizada por um alto valor estético.

Todavia, como os textos literários são passíveis de múltiplas leituras, sendo possível graças à plurissignificação da linguagem poética, é válido ressaltar que o poema aqui analisado não está esgotado em suas possibilidades de leituras, podendo vir a ser revisitado e discutido à luz de outras teorias.

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. *A construção poética de João Cabral de Melo Neto: um estudo do poema “Rios sem discurso”*.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Clássico-Científica, 1973.

BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre arte*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 1998.

_____. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *O estudo analítico do poema*. 6. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2009.

CANDIDO, A.; CASTELO, J. A. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. 9.Ed. São Paulo: Difel, 1983.

COELHO, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária*. 2. ed. Lisboa: Ática, 1961.

ELIOT, T. S. *Ensaios*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético*. Vol. 2. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

JÚDICE, Nuno. *As máscaras do poema*. Lisboa: Árion publicações, 1998.

MELO NETO, João Cabral. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1980.

Recebido em 07/09/2015

Aprovado em 17/12/2015